

GEORGES DEVEREUX, O PROJETO ETNOPSQUIATRICO E ALGUMAS ILAÇÕES EDUCATIVO-ORGANIZACIONAIS

José Carlos de PAULA CARVALHO *
Ao Dr. René Ribeiro com admiração e respeito

RESUMO: O texto visa destacar as incidências educativas e organizacionais da etnopsicanálise de Georges Devereux, evidenciando qual o sentido de um "projeto" de intervenção desde as considerações etnopsiquiátricas, delineando, pois, os traços de uma "praxiatria".

PALAVRAS-CHAVES: Antropologia psicanalítica. Etnopsiquiatria e Etnopsicanálise. Contra-transferência e Psiquiatria Metacultural. Homem e Cultura em si. Lógica da diferença e Trabalho da Alteridade. Terapia, Educação e Organização. Sociatria e Praxiatria.

"A única ponte que ainda une o homem moderno ao homem "arcaico" é o psiquismo humano; só as exterioridades mudam; o substrato fantasmático — o Inconsciente — é intemporal". (Baubo, *la vulve mythique*, p.12)

"O psicanalista deve compreender perfeitamente a natureza e a função da cultura considerada em si mesma — a despeito de tal ou qual cultura particular —, não só porque lidamos com um fenômeno universal, exclusivamente característico do homem, mas também porque as categorias gerais da cultura — que não devemos confundir com o conteúdo eventual de tais categorias numa cultura determinada — são fenômenos universais". (*Essais d'ethnopsychiatrie générale*, p. 337-338)

"... o termo "transcultural" indica só o que lhe permite indicar o primeiro sentido de "trans": aquilo que está além (de qualquer) cultura: a Cultura em si, a Cultura como fenômeno humano universal e como experiência. A psiquiatria transcultural estuda a relação entre a Cultura em si e toda e qualquer psicopatologia; a psicoterapia "transcultural" explora a compreensão que o psicoterapeuta tem da cultura em si. A psiquiatria "transcultural" opõe-se, assim, à psiquiatria e à psicoterapia "interculturais" ("cross-cultural") ...". (*Réalité et Rêve: psychothérapie d'un indien des plaines*, p. 18)

"... os dados nas ciências do comportamento suscitam uma angústia contra a qual nos defendemos por meio de uma pseudo-metodologia inspirada pela contra-transferência; tal subterfúgio é responsável por quase todas as falhas das ciências do comportamento. Toda metodologia eficaz nas ciências do comportamento deverá tratar as perturbações contra-transferenciais como sendo os dados mais significativos e característicos de sua órbita de pesquisa". (*De l'angoisse à la méthode dans les sciences du comportement*, p.16-17)

* Professor Assistente Doutor do Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação da Faculdade de Educação da USP.

Georges Devereux, psicanalista e etnólogo, constantemente preocupado com as questões epistemológicas e com as pesquisas em história das religiões e mitologia comparada, sobremaneira nutrido pelo helenismo, nasceu na Hungria, em 1908. Foi discípulo de Marcel Mauss e rumou para os EUA, para estudar, num sentido muito especial, a vida dos índios Mohave, da Califórnia, seguindo depois para o Vietnã, onde estudaria os Sedang-Moi. Tendo lecionado em Harvard, é reconduzido à França, graças a Roger Bastide e a Claude Lévi-Strauss, que lhe apreciaram a ética inovadora e, ao mesmo tempo, incômoda para as viseiras acadêmicas, lecionando na École des Hautes Études en Sciences Sociales, de Paris, até sua morte, em maio de 1985. Legou-nos o projeto etnopsiquiátrico e suas cinzas que, segundo seu desejo, foram espalhadas na reserva Mohave, uma pátria que o reconheceu. Vejamos os traços do projeto etnopsiquiátrico.

Quando falamos em “projeto”, estamos a pensar que, desde as investigações e a prática etnopsiquiátricas, uma intervenção de caráter “sociátrico” — melhor mesmo seria, perdendo-se as inflexões comteanas, dizer “praxiátrico” — pode-se dar, mediando-se, para tal, uma ação “terapêutica” de caráter educativo e organizacional. A nosso ver será esta uma das inúmeras desembocaduras do “campo” da etnopsiquiatria. É nesse sentido que procuraremos vetorializar a obra de G. Devereux cujo exame perfunctório, aliás, demandaria todo um trabalho analítico ainda inexistente¹. De certo modo, pois, pressuporemos algum conhecimento do leitor, ou teremos de nos contentar com as indispensáveis remissões. Nossa tarefa é, entretanto, facilitada em parte pelo que poderíamos chamar de “manifesto etnopsiquiátrico”, ou seja, as considerações introdutórias e programáticas feitas por G. Devereux a “Ethnopsychiatria”².

“A etnopsiquiatria — necessariamente concebida como etnopsicanálise — é uma ciência pluridisciplinar e não interdisciplinar. Parece ser a mais compreensiva dentre as ciências do Homem, sejam puras, sejam aplicadas, tanto do ponto de vista diacrônico quanto sincrônico. Reconhecida ou não como tal, seu problema de base é aquele que subjaz a todas as ciências do Homem: a relação de complementaridade entre a compreensão do indivíduo e a compreensão da sociedade e de sua cultura”³.

A etnopsiquiatria situa-se nos quadros da etnopsicologia de orientação psicanalítica, ou da antropologia psicanalítica que, relendo rigorosamente Freud e, assim, criticando os descaminhos do funcionalismo e do culturalismo⁴, marcou, com a obra monumental de Géza Róheim, também húngaro⁵, as novas pistas da etnopsiquiatria psicanalítica. Remetemos o leitor aos sugestivos textos de François Laplantine⁶ pelo que toca ao posicionamento de que falamos. Devemo-nos explicar porque etnopsiquiatria e porque o privilégio dado à vetorialização psicanalítica; em suma, em que consiste a etnopsicanálise.

Por esse caminho engatamos, necessariamente, com a problemática epistemológica das ciências do Homem, magnificamente explorada por Devereux em "Da angústia ao método nas ciências do comportamento" ⁷. Devereux afirmara, no referido "manifesto" — e isso constituirá toda a trama do livro acima mencionado —, que a reflexão metodológica sobre os caminhos específicos da etnopsiquiatria levava "à radical revisão dos fundamentos epistemológicos da totalidade das ciências do Homem". E isso será intimamente ligado à opção psicanalítica do enfoque, pois as informações que permitiriam estruturar a etnopsiquiatria como uma investigação do pressuposto de base de todas as ciências do Homem, qual seja, a relação de complementaridade entre as compreensões do indivíduo, da sociedade e da cultura, em suma, "a noção de condição humana", apontavam no sentido de que a única psicologia conveniente para o propósito etnopsiquiátrico deveria ser aquela exclusivamente aplicável ao Homem, de modo que só a psicologia psicanalítica de Freud, na sua formulação clássica, parecia preencher tal requisito ⁸. Isto porque nas ciências do Homem, ou ciência do comportamento, o problema do recobrimento entre o sujeito e o objeto de conhecimento dimensiona de modo muito específico tal problema gnoseológico e a antropologia psicanalítica, com as noções de transferência mas, para Devereux, sobretudo de contra-transferência, suscita candente linha de pesquisa.

Em "Da angústia ao método", através de "treze teses escalonadas", que são exatamente a condensação do conteúdo do livro, Georges Devereux procura mostrar que "o estudo científico do homem" deve se haver, inicialmente (proposições 1 a 4), com a questão da participação *sujeito-objeto da pesquisa*: tal participação é epistemologicamente constitutiva da "objetividade" nas ciências do comportamento humano. Em outras palavras, o objeto é o próprio sujeito e a dificuldade de uma clivagem, como nas ciências "exatas" — mas aqui o universo da microfísica também estaria a desmentir uma neutralidade e objetividade totais. . . —, dá origem a uma angústia (em rigoroso sentido freudokleiniano) que se move entre a exigência tranquilizadora de um rigor/partilha de mundos/objetividade/objetivação — que faz, entretanto, "perder a vida", não captar a vida do objeto, reduzindo-o segundo o "Abtötungsprinzip" de Schrodinger-Bohr-Devereux — e a fantasmática de uma compensação pela "participação mística" com o objeto. Em suma: a *angústia do pesquisar* envolve-se gnoseologicamente e assistimos a uma *oscilação pendular entre objetivação/fantasmaticização* e, portanto, a uma dupla tendência reificadora, seja pelo lado da cristalização objetual, seja pelo lado da fusão objetual. A primeira tendência evidencia a dimensão egóica da consciência, a esquizomorfia do pesquisador; a segunda tendência, a dimensão do "id", a gliscromorfia do pesquisador. Por isso que a "justa medida" estará na justa concientização de um justo meio, que é a *mediação simbólica como constitutiva do sujeito-objeto* (como diria Husserl). Isso implica, en-

tretanto, o tomar-se consciência e a “*perlaboração*” das *deformações* advindas dessa oscilação entre “parcialidade da comunicação” e “plenitude da comunicação”, o que envolve cuidar (proposições 5 a 7) das projeções e das identificações, das *transferências*, *mas sobretudo das contratransferências*. E, uma vez que é incontornável a participação deformante do pesquisador em sua angústia de saber (proposições 8 a 11) “toda metodologia eficaz em ciência do comportamento deve tratar tais perturbações como constituindo os dados mais significativos e característicos da pesquisa nessa ciência”, diz Devereux. E, “explorando a subjetividade inerente a toda observação como via régia para uma autêntica objetividade” (que é da ordem do que é possível, não da ordem do que deveria ser possível...), Devereux adverte para o *perigo de um desconhecimento dessas perturbações gnoseológica, epistemológica e ontologicamente constitutivas do próprio objeto* das ciências do comportamento do homem: “Negligenciadas, ou embelezadas de modo defensivo pelas resistências de contratransferência, vestidas como metodologia, tais “perturbações” tornam-se a fonte de erros incontralados e incontroláveis, ao passo que, quando são consideradas como dados fundamentais e característicos das ciências do comportamento, são mais válidos e aptos a produzirem tomadas de consciência do que qualquer outro tipo de dados.”⁹ (proposições 12 e 13).

Nesse sentido, como ciência do comportamento e de seus fatores constitutivamente ansiógenos, como análise portanto não só das projeções como das contra-transferências camufladas pelas metodologias, “é a etnopsiquiatria — a etnopsicanálise — fundamentalmente pluri-disciplinar — até mesmo metadisciplinar... — e, assim, aquilo que, “do ponto de vista metodológico aplica-se a uma ciência cujos dados são uma complexa trama de variáveis biológicas, econômicas, históricas, sociais e culturais, cujo sistema de referência abrange, simultaneamente, o indivíduo e o grupo, aplica-se também necessariamente a cada uma das ciências particulares do comportamento, considerada como um “caso limite”...¹⁰

Por que etnopsiquiatria?

Vimos o porque da orientação psicanalítica e, pois, etnopsicanálise. Precisamos, agora, detectar o significado da cultura. Se o campo da etnopsiquiatria se define como “a relação de complementaridade entre a compreensão do indivíduo e a compreensão da sociedade e de sua cultura”, G. Devereux foi o primeiro cientista social a utilizar o “princípio de complementaridade”¹¹ de Bohr no campo das ciências do Homem ao propor, sem as facilidades de uma superficial psico-sociologia, e definir as exatas condições de uma complementaridade entre as compreensões psicológica e sociológica por onde, ao mesmo tempo, desenvolvia sistemática crítica — por uma recondução aos limites de validade da explicação, através de “*Abtötungsprinzip*” — ao “relativismo cultural”, ao “reducionismo do materialismo histórico e da cul-

turologia", ao "irracionalismo regressivo" da modernidade e ao "organicismo primário" do behaviorismo¹². Desde esse foco crítico pôde o autor situar o nó das significações interativas complementares entre indivíduo/sociedade/cultura no importante conceito de "personalidades modais"¹³, rigorosa recondução do descaracterizado tema da personalidade básica". A importância da noção de cultura como mediação simbólica emerge quando G. Devereux, no referido "manifesto", estabelece que "todo conhecimento sobre a sociedade e a cultura repousa sobre dois princípios: 1º o patrimônio genético de "homo sapiens" não é o de uma espécie dita "social" (abelhas, térmitas, etc.), mas o de uma espécie gregária... O patrimônio genético e a "Anlage" de "homo sapiens" permitiram-lhe constituir sociedades cuja estrutura e regras de funcionamento, no indicativo ou no imperativo, podem ser enunciadas. 2º É inadmissível atribuir o equivalente de um psiquismo à sociedade"¹⁴. No capítulo XV dos "Ensaio de etnopsiquiatria geral" — exatamente o artigo "Os fatores culturais em terapêutica psicanalítica" —, ao explanar sobre "a cultura como característica humana", G. Devereux estabelece uma "axiomática", cuja demonstração fôra objeto dos anteriores capítulos. Distinguindo entre o "homo sapiens" ("genus homo"), organismo biológico, e o "homem", ser humano, Georges Devereux elenca dezessete proposições-conclusões. As proposições 1 e 2 estabelecem que o processo evolutivo de hominização (o "genus homo") é um processo de diferenciação e de individuação, por onde se delinham as "constâncias da natureza humana" ou os traços do "genus homo": diferenciação, individuação, plasticidade e variabilidade de comportamento; em suma, o processo da neotenia humana, em termos etológicos. Entretanto (proposições 3 a 5), tal "potencial biológico unificado e coerente" manifesta-se através de uma aquisição dupla, que o cristaliza como "ato": o psiquismo humano e a cultura.

Assim, tais invariâncias ou universais do comportamento humano são, entretanto, criações da natureza sócio-cultural do "homem", ou seja, com os etólogos, o homem é um ser naturalmente cultural. E são portanto correlatas, em termos funcionais e metodológicos, as noções de psiquismo humano e cultura; assim, a cultura é, em profundidade, como o mostrara Róheim⁵, um processo de sublimação: por um lado, um comutador libidinal, por outro lado, uma amplificação do potencial biológico do "genus homo" como regressão da programação genética e complexificação das competências organizacionais. Por isso a cultura majora, e não "restringe" (tal é o desenvolvimento das proposições 6 a 8), o comportamento humano o que supõe, entretanto, que se trace uma distinção — já trabalhada em Róheim⁵ — entre neurose e sublimação e, portanto, entre "sociedade sadia" e "sociedade doente".

Por um lado, com Róheim, não só a "neurose isola e a sublimação une" — o que marca a "vocalização cultural" e "vincular" da sublima-

ção —, mas, com Devereux, a sociedade “sadia” favorece “a atualização mais completa do potencial de individuação e diferenciação”, enquanto a sociedade “doente” não pode tolerar a “individuação e as sublimações individualizadoras”, sendo uma empresa da “desdiferenciação, da desindividuação, da supressão, do recalçamento e das formações reativas sobretudo”. O comportamento dos indivíduos normais é “estruturado”, para o observador, pelo sistema de referência cultural, enquanto o sistema de referência psicanalítico permite a estruturação do comportamento de indivíduos “anormais”. As “desordens da personalidade” são uma “regressão da condição de “homem” à de “homo sapiens” e eis porque as diferenças remetem ao sistema cultural, ao “homem”, e as similaridades ao “genus homo”; por onde, na sócio-psico-patologia, a “anormalidade” é mais “compreensível” em termos de referência biológica do que sócio-cultural (proposições 9 a 15). Assim o “modo pelo qual o indivíduo vive e manipula os materiais culturais” é de imenso valor diagnóstico e, segundo as proposições 16 e 17, “o psicanalista deve compreender perfeitamente a natureza e a função da cultura considerada em si mesma — a despeito de tal ou qual cultura particulares —, não só porque lida com um fenômeno universal, exclusivamente característico do homem, mas também porque as *categorias* gerais da cultura — que não se deve confundir com *conteúdo* eventual de tais categorias numa cultura determinada — são fenômenos universais”¹⁵.

Após a citação desse “programa” etnopsiquiátrico, vemos que o homem é, como dizem os etólogos, um ser “naturalmente cultural” e que a cultura “an sich” é um universo de regras (no sentido lévi-straussiano); que, em última instância, o “homem” é o cenário, o agente e o observador dos embates entre as matrizes universais do espírito humano — a cultura “em si”, seus “transcendentais” e o psiquismo, aliás esse definido por G. Devereux não só em termos de sistema consciente, mas de um inconsciente “idiossincrásico” e de um inconsciente “étnico”¹⁶ — e aquilo que, com os etólogos — e Devereux deve a Roheim, que deve a Bolk —, chamaríamos de “neotenia”. Nesse embate entre as “categorias do espírito humano” e a plasticidade neotena, entre as invariâncias e as combinatórias, desponta a criatividade, que é exatamente função das interrelações cultura-psiquismo. E exatamente aqui se põe a releitura das relações entre sublimação e patologia, no sentido de uma redefinição de “etnopsiquiatria”.

Devereux observa, no referido “manifesto”, que o “negativismo sistemático, que se pretende crítica social científica”, ao denegrir a cultura “em si”, não consegue explicar, segundo essa teoria da maldade da sociedade, porque os seres humanos não são constantemente destrutivos mas também criativos, sobretudo através das obras de civilização. Nem porque toda sociedade não acua todos seus membros à loucura e ao suicídio — em posição contraposta a toda fácil anti-psi-

quiatria — e nem porque a eclosão da individualidade não significa, “per se”, uma elisão da socialidade. Assim, “o conceito de base da etnopsiquiatria deve ser o conceito de sublimação, não o conceito de patologia. Ora, o processo de sublimação é específico ao ser humano. Somente ele dispõe da capacidade de explorar um material psíquico arcaico — freqüentemente neurótico — de modo criador. Além disso ele o faz sem a menor diminuição — quantitativa ou qualitativa — da capacidade de desfrutar, específica do caráter genital, maduro. Essa ausência de qualquer perda do prazer é devida ao fato de Eros, ao invés de dispendir sua energia na sublimação, desempenhar em tal processo uma função meramente cibernética”¹⁷. Além disso, observa Devereux nessa valorização da poíesis cultural, devemos distinguir entre “a análise do material sublimado e do processo de sublimação” e a “análise dos produtos da sublimação”: a etnopsiquiatria deve seguir os passos do “Moisés” de Michelangelo, não de “Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci”, ambos de Freud. Por isso a etnopsiquiatria — no sentido das três raízes gregas: “tratamento visando à cura” agenciando as personalidades modais — reorientada conserva, ainda, o legado positivo inicial da patologia social. Evidentemente não será o referencial básico da elaboração — e nisso incorreu grande parte da psicanálise, exatamente por problemas contra-transferenciais não assumidos: a análise do “canibalismo dos pais” e da anterioridade causativa do “complexo de Laio-Jocasta” é contundente para o “establishment” psicanalítico e também exemplar, como a análise das fabricações da alteridade¹⁹ pelo psicanalista, que não tematiza suas contratransferências por sob teoria e prática clínica —; não obstante, conserva um significado reconduzido de modo altamente criativo, seja em termos de indivíduo ou de grupo como referenciais, no caso da noção “stress”²⁰ ou no caso de uma “tipologia etnopsiquiátrica”²¹ (o revelho e atualíssimo problema posto por Freud de se descrever a patologia dos grupos sociais, as “sociedade ensandecidas”, como por essas bandas de atual Brasil estamos a ver... e a esperar uma análise etnopsiquiátrica).

Em ambos os casos, a recondução da positividade de uma problemática patológica é assim posta por Devereux: “O termo “iatreia” implica as noções de “doença” e “saúde”, e pressupõe que o tratamento de uma doença pode substituí-la pela saúde. Por sua vez a idéia do tratamento implica que a doença é um mal, a saúde um bem e o tratamento da doença um bem incondicional. Tais suposições levam diretamente ao problema focal de uma teoria moral segundo a qual é impossível ligar, de modo logicamente inquestionável, “aquilo que é” ao “que deveria ser”; a noção de “valor”, e mais ainda a noção de uma “hierarquia dos valores”, são inseparáveis dessa problemática. Ora, desde 1941 (“Curso de patologia social”), formulei um método bastante simples, excludente de todo juízo de valor apriorístico, e possibilitando desvendar, por meios idêntidos, a patologia, tanto a nível de

indivíduo como a nível sócio-cultural. Seja um indivíduo — ou um grupo — que visa um alvo de sua própria escolha, de modo que não cabe ao etnopsiquiatra formular um juízo de valor. Se a consecução desse objetivo produz uma situação de “stress”, que é apresentada pelo “sujeito” (indivíduo ou grupo) como tal, e se todos os esforços para atenuar tal “stress”, recorrendo a novas contramedidas que, reforçando, só fazem aumentar o “stress”, o “sujeito” é captado na engrenagem de um *círculo vicioso*. A presença de tal círculo vicioso caracteriza toda psicopatologia individual e toda patologia social...”²².

Impossível aqui detalhar o famoso texto “Normal e Anormal”²³ e o não menos denso ensaio “A etnopsiquiatria como referencial na pesquisa e prática clínicas”²⁴; G. Devereux, considerando as noções de adaptação/sublimação, os tipos de inconsciente, os traumatismos e sistemas reativos, por um lado e, por outro lado, os eixos do comportamento (biológicos, experienciais, culturais e neuróticos) estabelece, para diferentes culturas à base da noção de cultura em si, os mecanismos dos conflitos e soluções típicos. Isto é, desenvolve tanto uma tipologia etnopsiquiátrica das desordens de personalidade (desordens “sagradas”, desordens étnicas, desordens-tipos e desordens idiossincrásicas) como dos modos de viver e manipular os traços culturais (normalidade, imaturidade, neurose, psicose e psicopatia), tendo por referenciais seja o indivíduo seja o grupo. O sentido da intervenção psicanalítica é dado, em termos genéricos, pelo próprio escopo da terapia analítica.

Em se tratando da etnopsicanálise, conquanto persistam o escopo e os mecanismos processuais da intervenção, caberia distinguir, com Devereux²⁵, três tipos de psicoterapias de tipo etnopsiquiátrico: 1º Intracultural: o exemplo clássico é o texto de Tobie Nathan, “Sexualidade ideológica e neurose”²⁶. Aqui o terapeuta e o paciente pertencem ao mesmo universo cultural e ao primeiro cabe reter as incidências sócio-culturais no trabalho de elaboração, seja na ótica etiológica da perturbação, seja no evoluir do quadro analítico. 2º Intercultural: o exemplo clássico é o texto de G. Devereux, “Realidade e Sonho”²⁷. Conquanto pertencendo a distintos universos culturais, o terapeuta conhece em profundidade a cultura-referente do paciente, usando-a como alavanca terapêutica visando, entretanto, à “auto-abolição final” da alavanca cultural. 3º Transcultural ou Metacultural: terapeuta e paciente pertencem a universos culturais distintos; o terapeuta não conhece a cultura étnica do paciente compreendendo, entretanto, em profundidade, o conceito de Cultura em si, cuja dinâmica (exposta nas dezessete teses da “axiomática”) é utilizada de modo diagnóstico e vetorial. Temos aqui o alvo da meta etnopsiquiátrica na sua última elaboração: uma intervenção passiva que enseja a autonomia e a criatividade, individual e/ou grupal. Devereux afirma: “... a elaboração de uma psiquiatria autenticamente *metacultural* e meta/etnográfica está fundamentada na real compreensão da natureza e da função gene-

ralizada da cultura *em si*, tal como é vivida em toda parte pelos indivíduos normais e por diferentes tipos de pacientes psiquiátricos. A prática da psicoterapia metacultural exige uma neutralidade cultural do analista análoga à neutralidade afetiva que dele se espera na situação analítica com relação às suas próprias necessidades infantis e neuróticas residuais”²⁸. E, por fim, “o fim último da pesquisa etnopsiquiátrica deveria ser a exploração e compreensão da sublimação: da natureza da criatividade e do clima sócio-cultural que a favorece”²⁹. Engatamos aqui diretamente com as ilações educo-organizacionais do “projeto” etnopsiquiátrico.

Muitas são as ilações, de caráter genérico, e mais ainda os estudos específicos esperando por serem feitos. Por isso preferimos, aqui, levantar as linhas de pesquisa e considerações temáticas.

As proposições 3º e 5º do acima referido capítulo XV dos “Ensaaios de etnopsiquiatria geral”, ao conectar, em termos de essencial correlação constitutiva, o psiquismo e a cultura através do “substrato fantasmático” como domínio do Inconsciente atemporal, permite repensar a noção de “natureza humana” — como a antropologia psicanalítica de G. Róheim já estabelecera, assim renovando a problemática antropológica basal da diversidade cultural e da unidade do homem, a questão candente de como pensar a “unitas multiplex”³⁰ — e, ao mesmo tempo, do “inconsciente étnico”, por onde teríamos, seja com referência ao indivíduo, seja com referência aos grupos, a possibilidade de se pensar nos universais do comportamento humano, fundamentalmente produtor de cultura e, pois, de simbolismo. Assim poderíamos pensar a eficácia e os parâmetros de uma ação terapêutica e, na medida em que, em profundidade, para o solo psicanalítico como para a etnopsicanálise, lidamos com processo de transformação das personalidades modais, a ação terapêutica é uma ação educativa e organizatória, e vice-versa, pois são modos ou formas de organização, e orientação, da energia libidinal através dos processos de sublimação e suas âncoras institucionais.

Poderíamos retomar a problemática dos fundamentos da ação educativa que, fundamentalmente repensados em termos da cultura em si e suas categorias, passariam a ser imantados pela noção de neotenia que, ao mesmo tempo, forneceria, em termos de orientação da ação sócio-cultural, o referencial para se pensar as formas e o curso da patogenia social (na medida exata em que for evidenciado o “stress” e seus indutores). O estudo dos etnogrupos³¹ permitiria não só evidenciar a importância, pelo lado da diversidade, do levantamento dos mapas de realidade, das “cartas conscienciais” dos grupos — e daqui emergiu, por exemplo, a importante teoria da “aculturação antagonista”³², sobretudo para o propósito educativo-terapêutico-organizacional —, evitando as projeções e contratransferências etnocêntricas do edu-

cador-terapeuta³³, como também, pelo lado da unidade do homem, possibilitaria o levantamento de séries críticas à base dos universais do comportamento.

Em suma, quer consideremos os indivíduos, quer o grupo, quer suas interações, a etnopsicanálise encaminha proposições no sentido de um centramento da ação terapêutica e, pois, educativo-organizacional, no problema da diferença e da unidade e no trabalho da alteridade, cujo desconhecimento é de tão nefastas conseqüências para a ação educativo-organizacional. Agora, se educadores e gestores não se conformam com o "valor" neotenia, sendo portanto eficiados pelo curso patogênico da organização libidinal segundo a tipologia etnopsiquiátrica das desordens de personalidade... e o curso da civilização urbano-industrial e seu colonialismo endossam, infelizmente, tal "desorientação"... bem, esse é um problema sem dúvida político, mas com que deve se haver, mas não só de modo "técnico", mas também não só de modo "político", a construção de um projeto etnopsicanalítico que será, no fundo, e em última instância, também uma "praxeologia", conquanto "côncava".

Poderíamos, desde então, pensar o sentido da intervenção educativa, como ilação do projeto etnopsiquiátrico. Como sugerimos, em termos etnopsicanalíticos, a ação terapêutica, a ação educativa e a ação organizacional se recobrem exatamente na medida em que são formas de organização da energia libidinal e de suas configurações. Poderíamos captar, de modo menos "técnico", mas infelizmente menos rigoroso, tal disposição, no sentido em que inspirados pelo projeto psicanalítico restrito, Lyotard, Lapassade e Lourau o fazem.³⁴ Entretanto o projeto etnopsicanalítico nos brinda não só com maior rigor nesse sentido, e com amplificações de ótica, mas sobretudo com o tratamento do campo que lhe é específico, a par de precisas técnicas e de precisas terapias. Portanto, devem estar articuladas terapia, educação e organização, orientadas pelo "valor" (na realidade, fundamento) neotenia, pela poiésis cultural e processos de sublimação, pelos invariantes do comportamento (o "homem" e o inconsciente") e pela abordagem dinâmica da patogenia sócio-cultural. Nesse sentido é da maior importância o ato de o educador ser educado e perceber sua implicação no processo — por isso R. Hess viria a desenvolver uma "pedagogia implicativa"³⁵ — que o torna freqüentemente vítima e tanto mais quanto menos consciência tiver de si e da axiológica de seu grupo e de sua cultura; seríamos levados a desejar uma "supervisão" da ação educativa no sentido em que, obrigatoriamente, deve haver, para analistas, uma análise didática — de suas projeções e contratransferências, não só como toda e qualquer pessoa a elas está sujeito, mas como pesquisador e sobretudo como educador.

Assim, a problemática epistemológica, pela qual começamos esse texto, não é mera questão gnoseológica no caso do educador, e sobre-

tudo aqui porque o educador sofre a compulsão do “dever ser”, do “gerir psiquismos” ... coisa da mais alta responsabilidade, e do maior perigo, se ele verdadeiramente não sabe quem ele é na profundidade de suas máscaras “humanitárias”. Nesse sentido Devereux lembra: “Toda obra sobre o Homem importa ao homem de tal maneira que isso deve ser evidenciado sem meandros. Creio que o Homem não tem necessidade de ser salvo de si mesmo; basta deixá-lo ser o que é. O mundo precisa mais de homens do que de “humanistas”. A Grécia do sec. V era simplesmente humana; tornou-se “humanista” reagindo aos horrores da guerra do Peloponeso. Combatendo em Maratona, Esquilo, autor das “Eumênides”, não era um humanista. Sócrates, figura de transição, ainda era mais homem que humanista. Platão era um humanista porque, em nome da humanidade, tentou salvar a humanidade de si mesma. Toda filosofia da opressão está arraigada na filosofia de Platão (Popper), cuja filantropia era desprezível porque tratava o homem como objeto de contemplação e de manipulação. Nesse sentido, o analista do comportamento que se diz “sóbrio” é um desprezível filantropo — um simulacro de “humanista”. Uma ciência do comportamento autêntica existirá quando aqueles que a praticam se derem conta que uma ciência realista da humanidade não pode ser criada senão por homens que sejam os mais conscientes da própria humanidade, o que acontecerá precisamente quando dela lançarem mão totalmente na elaboração do próprio trabalho científico”³⁶.

SUMMARY: In quest of the sense a “praxiatry”, the texte shows up the educational and organizational implications of G. Devereux' ethnopsychiatric project.

KEY-WORDS: Psychoanalytic anthropology. Ethnopsychiatry and Ethnopsychanalysis. Counter-transference and Metacultural Psychiatry. Man and “Kultur and sich”. Difference and “alterité”. Therapeutic Education and Organization. “Sociatrie” and “Praxiatry”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. As pgs. 376-380 de *Essais d'ethnopsychiatrie générale* — trad. T. Jolas e H. Gobard. Paris, Gallimard Tel, 1977, o leitor encontrará extenso levantamento bibliográfico de G. Devereux.
2. *Ethnopsychiatria: revue semestrielle bilingüe* (quatro números) e *Nouvelle Revue d'Ethnopsychiatrie* (cinco números), Grenoble, Ed. La pensée sauvage ou Ed. de la Maison des Sciences de l'Homme.
3. *L'Ethnopsychiatrie* — G. Devereux. In: *Ethnopsychiatria* I.I. 1978, p. 7. Grenoble, Ed. La pensée sauvage, 1978.
4. RÖHEIM, Géza. *Psychanalyse et Anthropologie: culture-personnalité-inconscient*. Trad. M. Moscovici. Paris, Gallimard, 1967.
5. DADOUN, Roger. *Géza Röheim et l'essor de l'anthropologie psychanalytique*. Paris, Payot, 1972.

6. LAPLANTINE, François. *L'ethnopsychiatrie*. Paris, Éditions Universitaires, 1973.
- . ————. *L'anthropologie*. Paris, Seghers, 1987.
7. DEVEREUX, Georges. *De l'angoisse à la méthode: dans les sciences du comportement*. Trad. H. Sinaceur. Paris, Flammarion, 1980.
8. *Ethnopsychiatria* 1.1. p. 7.
9. DEVEREUX, Georges. *De l'angoisse...* p. 16-17.
10. *Idem* p. 30-31.
11. DEVEREUX, Georges. *Ethnopsychanalyse complémentariste*. Trad. T. Jolas e H. Gobard. Paris, Flammarion, 1985. (Argument, Chap. I).
12. *Ethnopsychiatria* 1.1. p. 11.
13. DEVEREUX, Georges. *Ethnopsychanalyse complémentariste...* (Chap. III-IV-V).
14. *Ethnopsychiatria* 1.1. p. 8-9.
15. DEVEREUX, Georges. *Essais d'ethnopsychiatrie générale...* p. 333-338.
16. *Idem*, p. 4 seg.
17. *Ethnopsychiatria* 1.1. p. 10.
18. DEVEREUX, Georges. *Essais d'ethnopsychiatrie générale...* Chap. IV e V; *Ethnopsychanalyse complémentariste...* Chap. VII.
19. *Idem*, p. 139-142.
20. DEVEREUX, Georges. *Ethnopsychanalyse complémentariste...* Chap. II.
21. DEVEREUX, Georges. *Essais d'ethnopsychiatrie générale...* p. 13 seg.
22. *Ethnopsychiatria* 1.1. p. 9.
23. DEVEREUX, Georges. *Essais d'ethnopsychiatrie générale...* Chap. I.
24. *Idem*, Chap. II.
25. *Ethnopsychiatria* 1.1. p. 11-12.
26. NATHAN, Tobie. *Sexualité idéologique et névrose*. Grenoble. Éd. La pensée sauvage, 1977.
27. DEVEREUX, Georges. *Reality and Dream: the psychotherapy of a Plains indian*. N. York, Harper, 1969.
28. DEVEREUX, Georges. *Essais d'ethnopsychiatrie générale...* p. 6.
29. *Ethnopsychiatria* 1.1. p. 12.
30. RÓHEIM, Géza. *Op. cit.* Chap. X.
31. DEVEREUX, Georges. *Ethnopsychanalyse complémentariste...* Chap. VI.
32. *Idem*, Chap. VIII.
33. DEVEREUX, Georges. *Therapeutic Education*. Harper Brothers, N. York, 1956.
34. LYOTARD, Jean. *L'économie libidinale*. Paris, Éd. Minuit, 1974.
- . LAPASSADE, Georges. *Recherches institutionnelles: 4. Socialanalyse et Potentiel humain*. Paris, Gauthier/Villars, 1976.
- . LOURAU, René. *El análisis institucional*. Trad. N. Labruno. B. Aires, Amorrortu, 1975.
35. HESS, Rémy. *La pédagogie institutionnelle*. Paris, J.P. Delarge, 1975.
36. DEVEREUX, Georges. *De l'angoisse à la méthode...* p. 20-21.

(Recebido em 26-08-87
e liberado para publicação em 18-03-88)